

## APRESENTAÇÃO

O *Caderno Espaço Feminino*, criado pelo Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Uberlândia, vem desde 1994, mantendo a sua periodicidade e a excelência dos textos publicados, por autoras e autores nacionais e estrangeiros, a despeito dos cortes que têm solapado as universidades públicas e, muitas vezes impedido a divulgação da pesquisa, do ensino e da extensão.

Em tempos conturbados como os vivenciados no mundo e, sobretudo na sociedade brasileira, dadas a intolerância, o acirramento étnico-racial, os grandes deslocamentos humanos oriundos por guerras religiosas, políticas e culturais, o século XXI tem se apresentado emblemático.

A esperança de que um novo século jogasse por terra as diferenças de qualquer matiz, os sexismos, os racismos, as xenofobias, tem sido cada vez mais frustrante e distante. Em relação aos sexos a intolerância ainda está presente, dia a dia. Os estupros coletivos, veiculados pela imprensa brasileira, o aumento do feminicídio e da homofobia, a violência que atinge mulheres, principalmente e, grupos não heterossexuais se avolumam como cifras e notícias.

É neste cenário caótico em meio a mais retrocessos do que avanços que pesquisadores e pesquisadoras se instrumentalizam com referenciais teóricos os mais diversos para dar conta de tentar entender e explicar os relacionamentos humanos. O *Caderno Espaço Feminino* que tem acompanhando uma avalanche de conservadorismo, sobretudo no que diz respeito a agressão à Categoria analítica de Gênero gerando equívocos e distorções por toda parte, continua na defesa incondicional dos direitos humanos e do livre arbítrio.

Esse número abre-se com o dossiê *POLÍTICA(S) E FEMINISMO(S)*, número 2, em continuidade ao nº 1/2017, com foco em particular na cidadania, empreendedorismo e empregabilidade. **Mulher pode ser cidadã? Uma análise a partir do programa mulheres mil**, escrito por André Pizetta Altoé e Marinete dos Santos Silva analisam o *Programa Mulheres Mil: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável* desenvolvido no Instituto Federal Fluminense (IFF), campus Campos-Guarus situado em Campos dos Goytacazes no Estado do Rio de Janeiro. O *Programa Mulheres Mil* é uma política pública do Governo Federal voltada para mulheres através cursos de qualificação profissional, contribuindo para a inserção feminina no mercado de trabalho em busca de autonomia e exercício da cidadania. Busca-se verificar se a partir da formação profissional ocorrem mudanças nos tradicionais padrões de gênero, nas relações familiares ou domésticas das mulheres egressas do programa, bem como um aumento da renda e inserção no mercado de trabalho local.

Nessa mesma perspectiva as pesquisadoras Elizabete Corcetti, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Neide Maria de Almeida Pinto e Amanda Leandro Conceição Licerio, concluíram que os resultados do *Programa Mulheres Mil* não contribuíram para a redução

das desigualdades de gênero no espaço doméstico, pois continua o reforço à formação das subjetividades femininas associadas à domesticidade do trabalho no lar e no cuidado da família, no artigo **Análise do discurso das egressas do Programa Mil Mulheres: avanços para a equidade no espaço doméstico?**

Enveredando pelas análises gerenciais nas empresas tendo à frente o feminino, as autoras Luciana Lima e Thais Lima, abordam as **Competências da Assessoria Executiva: entre o gueto e o discurso sobre ‘estratégico’**, examinando de maneira crítica, se as competências, teoricamente, esperadas para a execução da profissão de assessoria executiva/secretariado efetivam-se na realidade organizacional. Após a análise de diversas entrevistas demonstrou-se a enorme distância entre as competências divulgadas e as praticadas na rotina empresarial.

Segue a mesma linha de abordagem o artigo **Diferenças de Gênero na Gestão de Empresas: perfil do gênero feminino** de Daiane Lampugnani Marafon, Kenny Besso, Henrique Webber Baseggio, Vitor Francisco Dalla Corte e Josieli Lazzarotto, objetivando identificar as diferenças entre a gestão feminina e masculina e as barreiras para o crescimento da mulher dentro das organizações. Concluiu-se que o principal dilema se dava entre a responsabilidade e dedicação com a carreira e a maternidade.

Na esteira dos dois artigos acima com enfoque na liderança gerencial e empreendedorismo, Laís Karla da Silva Barreto, Nilda Maria de Clodoaldo Pinto Guerra Leone e Francineide Bezerra de Oliveira analisam o **Comportamento Gerencial das Mulheres Empreendedoras**. As autoras identificam as principais características presentes no modo de gerenciar conduzido pelo sexo feminino, contextualizando a pesquisa na *Associação Mãos que se Ajudam* responsável pela produção e confecção do doce cocada Kenga.

Gestão e Empreendedorismo ganham também espaço no artigo **O Desafio da Escrita: fundação e gestão de periódicos por mulheres no Rio Grande do Norte (1900-1930)**, na abordagem de Manoel Pereira da Rocha Neto, Isabel Cristine Machado de Carvalho e Laís Karla da Silva Barreto. A análise registrou a presença de mulheres na gestão de algumas editoras do início do século XX, extrapolando barreiras numa época em que a imprensa era um território masculino.

Por meio de um roteiro semiestruturado foram pesquisados 16 sujeitos, sendo 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, dos setores operacional e administrativo de uma empresa de cimento na cidade de Ouro Preto (MG), com o objetivo de desvelar os significados que homens e mulheres atribuem a atuação do sexo feminino nestes setores predominantemente gerenciados pelo sexo masculino. Esse é o artigo de Victor Rafael Salviano de Sousa, Diego Luiz Teixeira Boava, Fernanda Maria Felício Macedo e Natália Felício Macedo, intitulado **Relação de Gênero na Indústria de Cimento**.

Não mais no campo da atuação gerencial, mas da sua aposentadoria, Adriana Ventola Marra, Talita Rafaela Oliveira Silva e Karem Marinho Valadares, discutem o significado do trabalho para mulheres maduras aposentadas que ocuparam cargos gerenciais. **O**

**Significado do Trabalho na Aposentadoria Gerencial Feminina** mostra como as mulheres que atuaram em postos de comando e decisões, uma vez aposentadas, centralizaram seus esforços em atividades físicas e no trabalho voluntário para distanciarem-se do envelhecimento e do rompimento com atividades laborais extremamente significativas para suas carreiras profissionais.

Na perspectiva de analisar a participação feminina em áreas tradicionalmente dominadas pelo masculino, Anabelle Carrilho e Marlene Teixeira Rodrigues, em **Feminização do Mercado de Trabalho e Política Social: análise a partir da mineração**, propõem uma investigação em minas a céu aberta e subterrânea. Partem da divisão sexual do trabalho e suas implicações nas políticas sociais e a feminização de um campo profissional até então de domínio exclusivo dos homens.

Na perspectiva de explorar o debate nos interstícios da história, da arte e dos feminismos, e se praticar as possibilidades analíticas com uso de ferramentas conceituais foucaultianas, em **Diálogos entre a Arte, a História, a Política e os Feminismos: a performance como um artefato explosivo**, Patrícia Giselia Batista e Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, busca-se discutir a performance e analisar aspectos políticos, estéticos e sociais, na obra de três autoras brasileiras: Civone Medeiros, Fernanda Magalhães e Sue Nhamandu.

Os dois últimos artigos que agregam a esse dossiê referem-se às conquistas femininas na seara política. Juciane de Gregori escreve sobre **Feminismos e Resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos** e, Antônio Lopes de Almeida Neto, Caio Emanuel Brasil Fortunato e Fernando da Silva Cardoso discutem **Mulher e Política no Brasil: trajetórias e perspectivas sobre a Lei de Cotas de Gênero**. Ambas reflexões percorrem os caminhos bastante pedregosos para a conquista dos direitos das mulheres pelo viés político, combinando uma multiplicidade de articulações e resistências, penetrando num domínio exclusivo do masculino: os muros da política foram finalmente foram rompidos.

Finda esta primeira parte do dossiê *POLÍTICA(S) E FEMINISMO(S)*, o *Caderno Espaço Feminino*, recebe dois artigos sobre Educação. Amélia Teresinha Brum da Cunha traz reflexões sobre o processo de feminização da docência no Brasil sob o título **Quando a Docência opera para além da possibilidade de profissão para as mulheres: breves apontamentos**. Já as trajetórias educacionais individuais e coletivas das mulheres assentadas são pesquisadas em **Primeiras considerações sobre a educação do campo no assentamento Nova Inácio Ranchinho, Campo Flórido-MG**, por Adriany de Ávila Melo Sampaio, Terezinha Tomaz de Oliveira e Antônio Carlos Freire Sampaio.

Este número conta também com a área de Literatura. Nela, Laisa Marra incursiona em uma leitura crítica de dois romances *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita* na intenção de recuperar a *luta pelo poder interpretativo* como testemunho literário, em **História e memória na luta pelo poder interpretativo na escrita de Carolina Maria de Jesus**.

Na mesma seara, **‘De Mulheres e de estroinices’: presença feminina e decadência romântica n’Os Maias de Eça de Queiroz**, Myron Alberto Ávila, explora as maneiras pelas quais Os Maias como “Projeto Romântico de Destruição” também faz das

personagens mulheres suas mais eficazes agentes que atuam no espaço antitético, desencantado e imoral duma nação portuguesa em falência e, como tais, personificam na maioria dos casos os males, contágios e excessos do Romantismo.

Infelizmente, não poderia faltar um dos temas mais candentes nas análises de Gênero: a violência, que continua sendo, sem dúvida, um dos maiores debates nos estudos sobre mulheres no Brasil e fulcro de inúmeras políticas públicas, campanhas educativas e dispêndio de parte do PIB brasileiro. **Violência Doméstica: análise epidemiológica em um Município do Triângulo Mineiro**, de Luciana Aparecida Gadia Fernandes, Sarah Mendes de Oliveira, Cláudia de Azevedo de Aguiar e Carla Denari Giuliani, caracterizam o perfil da violência doméstica praticada contra mulheres no ano de 2011 e 2012, a partir dos dados fornecidos pela Secretária Municipal de Uberlândia no Grupo de Vigilância Epidemiológica (VIGEP).

Três enfermeiras e um filósofo, Kardene Pereira Rodrigues, Isaura Letícia Tavares Palmeiras Rolim, Daysi Maria Conceição dos Santos e Helder Machado Passos, em **O cuidado da enfermeira à mulher vítima de violência doméstica: a expressão da alteridade**, tendo como referencial teórico o filósofo judeu Emmanuel Lévinas, discutem sobre alteridade, violência, feminino e humanização.

Em **Violência contra a mulher: o retrato dos jornais capixabas**, Isabel Maria de Oliveira Ferraz, Raquel Matos Lopes Gentili e Maria Carlota de Rezende Coelho, traçam o perfil da violência contra as mulheres em vias públicas do Espírito Santo, veiculado nos jornais “A Gazeta” e “A Tribuna”, no segundo semestre de 2015, totalizando a publicação de 287 casos.

Deslocando o tema da dor e do sofrimento para o prazer, **Em busca do ‘final feliz’: a massagem terapêutica de homem para homem e as práticas homoeróticas no Rio de Janeiro**, Diego Santos Vieira de Jesus e Henrique de Oliveira Santos explicam o crescimento da oferta de serviços de massagens terapêuticas para homens, realizado por profissionais masculinos. Analisam que a massagem terapêutica tem sido uma alternativa para homens que almejam contatos homoeróticos de maneira mais reservada e privativa, mas sem o estigma social da troca consentida de favores e atividades sexuais por dinheiro.

Na seção *Relato de Experiência*, **Um ponto de resistência: enfermagem, medicina e gênero no contexto hospitalar**, Rafaela Lira Mendes Costa e Ives Leocelso Costa, narram a vivência de uma enfermeira obstétrica em uma maternidade alagoana e a disputa por espaço e autonomia profissional entre estas duas profissões. Em decorrência disso, a enfermeira se sentiu, em diversos momentos, desestimulada ao ter suas atividades limitadas às prescrições e condutas médicas. Considerando que o corpo médico do referido hospital é composto apenas por homens, buscou-se analisar, embasando-se em pesquisas bibliográficas, como esta relação se enquadra nas correntes e discussões sobre feminismo e estudos de gênero.

Quatro resenhas encerram essa edição do *Caderno Espaço Feminino*. QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010, elaborada por Carlos

Augusto Brito de Oliveira. VERAS, Elias Ferreira. **Travestis: carne, tinta e papel.** Curitiba, 2017, 214 p., de autoria de Joana Maria Pedro e Suyanne Machado Mendes. PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013, resenhado por Júlia Monfardini Menuci. TEIXEIRA, Carol. **Bitch.** Rio de Janeiro: Record, 2017, 127 p. escrita por Vicentonio Regis do Nascimento Silva.

Nas capas das duas edições, como já enfatizamos, reabrimos a série 'galeria de homenagens', onde destacamos imagens de mulheres que atuaram de forma relevante nas lutas sociais do país. Nesta capa, especialmente, estamos fazendo uma homenagem a Rose Marie Muraro, escritora e editora. Publicou mais de 1.600 livros e escreveu 29 em toda a sua carreira. Em 2005 recebeu o título de Patrona do Feminismo no Brasil.

Com certeza a leitura desse número fomentará inúmeras outras discussões face aos retrocessos presenciados cada vez mais nos discursos conservadores e de falso moralismo, em nome da família tradicional e do binarismo sexista, como única forma de constituição dos sujeitos sociais.

Outra satisfação para o Conselho Editorial do Caderno Espaço Feminino e, conseqüentemente para o público leitor, é que este número viu triplicar a quantidade de autores do sexo masculino, num total de 16, se comparado ao número anterior com apenas cinco. Excelente presságio!

Que tenhamos uma agradável leitura.

Profa. Dra. Jane de Fátima Silva Rodrigues

- integrante do NEGUEM -